

INSTITUTO NATURAL DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL



**Escrito por: Manuela Ianuck Resende Pedrosa**

---

# A vida

---

Professora Rebeca  
outubro de 2020



# A vida

Oi, pessoa que está lendo este texto. Vim contar um pouco da minha vida e como foi perder minha família toda e só sobrar eu mesma.

Meu nome é Jenny tenho agora 21 anos estou estudando pedagogia. Eu tinha 8 anos quando perdi minha família em um incêndio em nossa casa. Sobre o incêndio: bem eu tinha 8 anos como já tinha dito e meu irmão mais velho era muito de brigar pela rua ele era muito estressado e um dia mexeu com pessoas erradas e essas pessoas descobriram onde ele morava e resolveram botar fogo.

Antes disso, eu os via todo dia passando na rua para ver se ele estava em casa para conversar, mas meu irmão começou a trabalhar e só voltava de madrugada e meus pais trabalhavam durante o dia e eu ficava sozinha em casa e tinha muito medo de algum dia eles entrarem e me acharem sozinha e fizessem alguma coisa de mal comigo, mas graças a deus nunca aconteceu.

Um dia que teria feriado para meus pais e meu irmão nois trabalho ficamos em casa pedimos pizza e compramos vários doces para comemorarmos mas fizemos muito barulho com música e essas coisa e eles que ficavam todo o dia na porta de casa escutaram que meu irmão estaria lá, então botaram fogo na minha casa e fui a única que sobreviveu.

Tive muitas queimaduras pelo corpo e tive que ser levada às pressas para o hospital mas como moramos na favela não tínhamos muito dinheiro para pagar um hospital quem dirá agora que estava sozinha e não podia trabalhar estava com muita dor parecia que tinha fogo dentro de mim e eu chorava muito, mas não consegui enxergar muitas pessoas.

Onde eu estava só enxergava um lugar branco com luzes muito fortes e pessoas passando de um lado pro outro. Fiquei com muito medo porque não via nada e não sabia que meus pais não tinham sobrevivido então achei que eles estariam comigo nesse lugar que eu não sabia o que era.

Fui melhorando a minha visão e quando consegui ver, percebi que eu estava em uma maca e toda queimada. Eu estava sentindo uma dor horrível nos meus braços e nas minhas pernas, estava toda ardendo e eu perguntei para uma enfermeira onde estavam meus pais. Ela não falou nada, mas tinha certeza que ela tinha escutado e perguntei de novo: “cadê meus pais?” e ela apenas saiu da sala que eu estava.

Quando ela voltou, trouxe um tal de doutor Ramon. Ele se sentou ao meu lado e falou que meus pais haviam virado estrelinhas no céu. E eu fiquei muito triste chorei muito e quando terminei de chorar um pouco, perguntei pelo meu irmão eles falaram que também havia virado estrelinha. Chorei mais um pouco e perguntei a eles para onde eu iria. Me responderam dizendo que não sabiam, mas chegou uma moça super gentil e me perguntou se eu queria ir, quando eu melhorasse, para o centro comunitário dela que era perto onde eu morava antes.

Esse centro ficava uma rua abaixo de onde eu morava. Eu sempre jogava futebol por lá e via como as crianças de lá eram tão felizes... elas estudavam e eu só aprendi ler e escrever, mas o resto não sei e eu morria de inveja delas porque elas podiam sair todo o dia para passear e eu tinha que cuidar da casa então seria ótimo eu ir para lá. Fiquei com medo porque não sabia se iriam gostar de mim porque, se não gostassem, eu não teria para onde ir então tomei a seguinte decisão: falei que nesses sete dias que

ficaria de repouso, iria pensar nessa proposta. Se eu não aceitasse, eu ficaria sem moradia então falei para ela que eu queria ir com ela.

Depois dos sete dias de repouso, eu ainda estava com marcas do queimado e com dores bem fraquinhas. Quando eu me mexia, sentia dores muito fortes. Quando isso acontecia, eu ia direto para o centro comunitário descansar lá, pois lá havia uma enfermaria. Era uma enfermaria simples, porque não tínhamos muito dinheiro para comprar nada, mas o que importa é que eles me acolheram como se eu fosse da família. Isso acabava me alegrando e esquecia como era a dor de perder a família toda em um dia.

Aos poucos fui superando, embora eu não soubesse como porque eu era muito pequenininha e não sabia como iria ser minha vida no futuro. Tinha medo de não ter como arrumar um trabalho ou conseguir me manter quando estivesse maior então eu me cobrava muito na escola para conseguir acompanhar as pessoas da minha idade para que o meu futuro fosse bom igual ao dos outros das escolas particulares que já tinham muito mais dinheiro que eu. Talvez um futuro melhor que o pessoal da favela. Sempre pensava em ajudar a todos porque um dia eu iria precisar de alguma ajuda e talvez iriam me ajudar.

Quando fiz 18 anos, tive que sair do centro comunitário porque já era maior de idade. Mesmo já sendo maior de idade, tinha muito medo ainda de não conseguir ter comida para comer ou ter um lugar para morar. Comecei a trabalhar em uma padaria e em uma banca para a pagar a faculdade porque antes o centro que dava aula, mas agora eu precisava correr atrás do meu próprio dinheiro e do meu próprio lugar para morar.

No começo, eu tinha 2 empregos e ao todo ganhava 400 reais por mês. Por causa disso, não conseguia pagar uma faculdade boa e eu queria esperar mais um tempo para pagar uma faculdade boa para ter um estudo. O dono da padaria ficou doente e ele gostou muito de mim então ele pediu para eu cuidar da padaria enquanto ele não melhorava.

Como eu tinha dois empregos, um de manhã e outro de tarde, eu não iria conseguir ajudá-lo porque precisava ter mais dinheiro para conseguir estudar e me manter.

Ele me falou que as condições de saúde dele não estavam boas, então ele me deu a padaria. Se eu aceitasse, ganharia mil reais por mês e conseguiria pagar uma mensalidade do primeiro ano da faculdade. Aceitei essa proposta e mudei o nome da padaria para “Padoca da Jenny”.

Comecei a fazer a minha faculdade de pedagogia. Eu estava amando fazer esse curso! Quando fui fazer o meu primeiro trabalho, fui estagiária no centro comunitário que vivi a minha vida e, quando percebi que meu primeiro estágio seria lá, chorei tanto que parecia uma louca. Fiquei emocionada porque sempre quis retribuir o que eles fizeram por mim e consegui retribuir dando aula para essas crianças que precisam de um aprendizado bom.

As crianças eram como uns anjos comigo. Me davam cartinhas agradecendo as aulas eu achava isso maravilhoso. As pessoas gostaram do meu trabalho e me convidaram para ir trabalhar em uma das escolas mais famosas da minha cidade. Eu queria aceitar, mas também queria continuar no centro comunitário porque só havia ficado um ano lá e queria ter ficado muito mais para agradecer muito a eles. Sem eles eu não seria nada, mas não podia deixar de aceitar porque iria me ajudar muito no futuro financeiramente falando.

Consegui acabar minha faculdade. Continuei com aquela padaria e agora tive a oportunidade de abrir uma franquia nos Estados Unidos. Estou muito feliz por causa dessa evolução. Antes eu era a chapeira e agora sou a dona. E, além de ser dona, vamos abrir outro estabelecimento fora do Brasil!

Depois de muito pensar, aceitei trabalhar na escola particular, mas nunca vou parar de ir visitar o centro.

A escola particular é muito boa para trabalhar porque lá tem tudo! Tem uma estrutura boa com computadores, cadeiras e banheiros. Tudo de alta qualidade, algo que as escolas públicas não têm e isso é muito ruim de se ver.

Estou bem e estou recebendo muitas coisas para trabalhar, mas já tenho duas coisas e isso consegue me manter e ajudar o centro... então está tudo bem para mim.

Eu estava pensando em me mudar para os Estados Unidos porque lá eu já tenho um emprego. Se eu não conseguisse entrar em nenhuma escola de lá, eu teria a minha Padoca da Jenny para me manter, então eu me mudei e estou aqui trabalhando e fazendo curso de inglês porque nunca tive condições de pagar uma aula de inglês e no centro comunitário não tinha aulas porque ninguém sabia inglês lá.

Agora com 23 anos de idade, comecei a estudar inglês e estou me virando aqui com os clientes e funcionários.

As escolas da região viram meu currículo e me convidaram para dar aula em uma escola na rua ao lado onde era a padaria. Eu aceitei. Nunca iria perder uma oportunidade de conseguir crescer cada vez mais.

Era uma escola muito grande, maior do que eu estava acostumada então demorei muito para me adaptar. Trabalhei muito lá e eu ganhava o triplo do que as outras escolas pagavam. Com esse novo trabalho, conseguia ajudar ainda mais o centro comunitário. Consegui mandar uma professora de inglês para lá porque percebi o quanto que inglês era importante e ajudaria os alunos do Brasil a se virarem na vida. Conseguir ir para quase todos os lugares que eu sonhava. Comprei computadores para o centro e consegui ajudar muito todas as pessoas de lá a terem um ensino melhor para um futuro melhor para aquelas crianças que eu amo. Ao mesmo tempo que eu ajudava todas elas, eu ajudava o centro comunitário também.

Eu trabalhava na padaria e trabalhava na escola, então meu dia era muito corrido. Não dava tempo de fazer nada pra mim e por mim, mas estava feliz por estar ajudando alguém.

Quando voltei pro Brasil, fiquei uma semana lá e me apaixonei por uma menina que se chamava Sarah. Ela tinha 4 anos e tinha perdido os pais em um acidente de carro na madrugada de cinco dias atrás. Lembrei o quanto dói e eu a adotei. Nós mudamos para os Estados Unidos e ela entrou na escola que eu trabalhava.

Ela já tinha aula de inglês pagas para o ano todo porque os pais dela nasceram nos Estados Unidos e eles queriam que ela fosse pra lá com 8 anos. Aprender inglês foi mais fácil pra ela do que para mim e ela sempre tinha amiguinhos novos para brincar na rua ou ela trazia para dentro de casa... era um coisa linda de se ver .

E eu estava ganhando muito bem então transformei o Centro em uma escola e em um orfanato. Além disso, consegui abrir outro centro na minha cidade. Com isso, eu ajudo várias crianças que passaram pela mesma coisa que eu e por até coisas piores. Abrir esse centro foi uma coisa tão emocionante pra mim porque foi um centro que me acolheu quando eu mais precisei e agora eu estou ajudando minha filha.

Aquela mulher que me acolheu no centro comunitário faleceu no dia do aniversário da minha filha quando estávamos cantando parabéns no centro dos Estados Unidos. Essa mulher estava no Brasil e estava em uma chamada de vídeo com a gente. Ela se encostou na janela e a madeira do banco que ela esta sentada soltou. Ela caiu da casa dela de dois andares. Quando chegou no hospital, ainda conciente, não resistiu e faleceu 2 horas depois. Tentaram reanimá-la, mas nao conseguiram. Minha filha era muito apegada a ela e viu toda a cena da morte dela. Eu não consegui ver porque fiquei muito chocada com o que tinha acontecido. Ela era uma mãe para mim, então foi horrível...

Algum tempo depois de toda essa tragédia, tive que voltar para o Brasil para o enterro. Precisei ficar uns 3 meses lá para cuidar do centro. Minha filha ficou no Estados Unidos porque eu nao conseguiria cuidar dela porque tudo era muito corrido então achei melhor ela ficar no centro de lá. Voltei para os Estados Unidos e estamos super bem .

Fim...